

FMI, outro problema

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

NOVA YORK — Mais um dia, o 19º, esperando o anúncio oficial do "acordo iminente" entre o Brasil e os bancos credores, e nada, nem explicações, a não ser a informação de que o comunicado final do comitê credor já está escrito e tem até duas páginas.

Fernão Bracher saiu da reunião do 18º dia, anteontem, às 23h30. Foi caminhando pela rua Lexington em direção a uma farmácia aberta a noite toda, prevendo que o trabalho poderia terminar no dia seguinte, ontem.

— Você volta para o Brasil?

— Só se o Seixas deixar. Você deixa Seixas? — ele perguntou a Antônio de Pádua Seixas, diretor da área de Dívida Externa do Banco Central.

Mas Seixas apenas riu. Despedindo-se, Bracher disse que estaria de volta para mais reuniões a partir das 9h30. Ontem de manhã, às 9h30, Bracher não apareceu. A esta hora, ele estava no telefone, falando com o ministro Bresser Pereira.

Uma fonte insiste, para O Estado que um acordo já foi alcançado há alguns dias, deixando apenas alguns problemas de texto. Quando consultado, Bracher diz, invariavelmente, que o problema é americano, que está dependendo dos banqueiros.

Uma fonte de dentro das reuniões contou que o problema principal é o de amarrar o acordo de curto prazo no de longo prazo, que deverá ser negociado depois. "Lançar as bases das novas negociações",

como ela diz. E aí os banqueiros querem a garantia do FMI e o Brasil tem resistido a conceder.

Os banqueiros começaram a reunião entre eles às 9h30, numa dependência de duas janelas, no meio das seis salas ocupadas pelas negociações. E, às 10h10, já se levantavam, espalhando-se por todas as salas. Foi quando os repórteres, na rua, souberam que o ministro Bresser Pereira, em Brasília, estava marcando uma entrevista coletiva, depois desmarcada. Só que as cenas visíveis das janelas não indicavam que as negociações estivessem no momento final.

Fernão Bracher chegou precedido pelas sirenes dos carros azul e branco da polícia de Nova York. E quando lhe perguntaram se "ainda tinha pontos pendentes", respondeu que "há menos pontos pendentes". Respondendo depois a uma outra pergunta, desmentiu que o obstáculo para um acordo fosse ainda o FMI, o problema discutido na sexta e no sábado passados, exaustivamente, para render, segundo informações, um texto vago, que não contradiz a posição brasileira de concluir o acordo com os bancos, desvinculado do FMI.

Às 17h20, em Nova York, terminou mais uma reunião plenária. Os brasileiros de volta à sala, que trocaram passando para a que era dos americanos. Bracher apareceu à janela e quando os repórteres lhe fizeram um sinal de positivo com o dedo, ele gingou o corpo indicando que a situação estava mais ou menos. Às 19h30 os banqueiros se fecharam numa sala. Pela janela viam-se os brasileiros numa sala de espera.